

**A IMPORTÂNCIA DA PÁGINA DIREITA  
NA ESCRITURA DE PEDRO NAVA**

*Edina Regina P. Panichi* (UEL)  
[juliana.barbosa@londrina.pr.gov.br](mailto:juliana.barbosa@londrina.pr.gov.br)

Os originais dos livros do memorialista Pedro Nava apresentam uma característica que coloca em evidência a sua forma de conceber o texto. O autor datilografava numa folha de papel almaço, sem pauta, utilizando apenas o lado esquerdo da página. O lado direito era reservado para as correções e/ou acréscimos posteriores que eram feitos através de um balão que ele puxava para a referida página. Dessa forma, é possível acompanhar a primeira escrita, aquela que sai de um primeiro jato, e a escrita posterior, ou seja, aquela que merece, por parte do autor, acréscimos, supressões ou substituições. Os datiloscritos de Nava conservam a história da produção de seu texto, ou seja, conservam a memória da tessitura de sua escrita, uma vez que a variante “por mínima que seja, reescreve uma história que conduz até ela – inscreve-se como história e numa história que ela constitui ao mesmo tempo” (Willemart, 1999, p. 202).

A partir da Crítica Genética o texto passa a ser estudado como um objeto estético. Há um deslocamento dos estudos literários de uma noção estática do texto, para uma noção dinâmica de processo. No ato da escritura as ideias surgem, às vezes, num turbilhão e precisam ser apreendidas de imediato daí o esforço a que o autor se entrega às rasuras sucessivas até atingir ou julgar atingir o texto ideal. Um texto pronto, ou “uma página literária não mostra geralmente vestígios destas etapas, só os rascunhos nos permitem seguir este tateamento” (Cressot, 1980, p. 56). Outras vezes, há uma espécie de congelamento das ideias. A trajetória não é linear, característica típica dos processos de criação. Esses movimentos são detectados através de transformações do texto durante o processo criativo de Pedro Nava na elaboração da obra Baú de Ossos – memórias 1, nosso objeto de análise, que alia em seus estudos a Crítica Genética e a Estilística.

Ao escrever seus originais o autor adota determinados procedimentos. Indagado a respeito, em entrevista concedida a Edina Re-

## TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

gina P. Panichi, no dia 08/09/83, no Rio de Janeiro, o autor assim se posicionou:

Eu escrevo, geralmente, uma só vez, a máquina. Escrevo em folha dupla, quer dizer, folha de papel almaço. Coloco o ponto que se dobrou para a direita, de modo que, quando eu abro aquelas duas folhas de papel, na minha direita há uma folha em branco. Quando faço substituições, acréscimos e, de certa forma, quando eu acho uma frase muito ruim, aquela eu tiro fora do texto, escrevo separado. Geralmente a escrevo a mão, a lápis e procuro corrigir, ver onde é que está o 'enguiço' ali.

Esse depoimento faz ver o grau de serenidade com que o autor ultrapassa as etapas mais difíceis de organização do pensamento e atinge o da formulação verbal com suas sucessivas reorganizações.

Acompanhando o raciocínio de Nava, vamos perceber em sua escritura vários movimentos, ou seja, substituições, acréscimos e eliminação de palavras, ou ainda, substituição de trechos inteiros para o alcance de seu objetivo. O trecho a ser analisado corresponde à primeira página do datiloscrito, ou seja, os três primeiros parágrafos do primeiro capítulo que originaram uma página e meia da obra publicada, como se pode observar a seguir:

### DATILOSCRITO

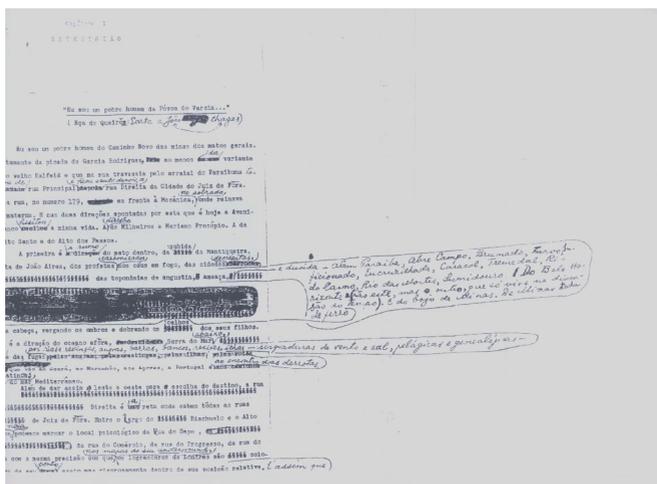


Ilustração da página direita dos datiloscritos de Pedro Nava

O texto publicado é o que segue:

CAPÍTULO I

*Setentrão*

Eu sou um pobre homem da Póvoa de Varzim...  
(Eça de Queiroz: Carta a Pinheiro Chagas)

Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao menos da variante aberta pelo velho Halfeld e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de Rua Principal e ficou sendo depois a Rua Direita da Cidade do Juiz de Fora. Nasci nessa rua, no número 179, em frente à Mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos.

A primeira é o rumo do mato dentro, da subida da Mantiqueira, da garganta de João Aires, dos profetas carbonizados nos céus em fogo, das cidades decrépitas, das toponímias de angústia, ameaça e dúvida – Além Paraíba, Abre Campo, Brumado, Turvo, Inficionado, Encruzilhada, Caracol, Tremedal, Ribeirão do Carmo, Rio das Mortes, Sumidouro. Do Belo Horizonte (não esse, mas o outro, que só vive na dimensão do tempo). E do bojo de Minas. De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos. A segunda é a direção do oceano afora, serra do Mar abaixo, das saídas e das fugas por rias e restingas, angras, barras, bancos, recifes, ilhas – singraduras de vento e sal, pelágicas e genealógicas – que vão ao Ceará, ao Maranhão, aos Açores, a Portugal e ao encontro das derrotas latinas do mar Mediterrâneo.

Além de dar assim leste e oeste para a escolha do destino, a Rua Direita é a reta onde cabem todas as ruas de Juiz de Fora. Entre o Largo do Riachuelo e o Alto dos Passos, nela podemos marcar o local psicológico da Rua do Sapo, da Rua do Comércio, da Rua do Progresso, da Rua do Botánagua, com a mesma precisão com que, nos mapas do seu *underground*, os logradouros de Londres são colocados fora de seu ponto exato, mas rigorosamente dentro de sua posição relativa. É assim que podemos dividir Juiz de Fora não apenas nas duas direções da Rua Direita, mas ainda nos dois mundos da Rua Direita. Sua separação é dada pela Rua Halfeld.

Como se pode perceber, Pedro Nava inicia suas memórias dividindo a sua cidade natal, Juiz de Fora, em dois lados antagônicos, o conservador e o revolucionário. Com o título *Setentrão*, vento que sopra do Norte, o primeiro capítulo gira em torno da genealogia do autor. A epígrafe que abre o capítulo traz um trecho de uma carta en-

## TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

viada por Eça de Queiroz ao escritor João Pinheiro Chagas onde se lê: “Eu sou um pobre homem da Póvoa de Varzim...” No datiloscrito podemos perceber que Nava, num primeiro momento, havia optado por omitir o nome do meio do destinatário. Observa, depois, que a denominação *Pinheiro Chagas* era a mais adequada, pois correspondia àquela pela qual o escritor era conhecido.

A linha que inicia o texto é uma retomada das palavras de Eça, num jogo intertextual. A epígrafe parece ter sido utilizada como um pretexto do autor em recuperá-la para iniciar as suas memórias, fazendo das palavras do escritor português, as suas: “Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais”.

As linhas a seguir, registradas no datiloscrito, trazem a seguinte versão: “Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues pois ao menos da sua variante aberta pelo velho Halfeld e que na sua travessia pelo arraial do Paraibuna seria chamada rua Principal depois rua Direita da Cidade do Juiz de Fora”. O texto publicado toma a seguinte feição:

Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao menos da variante aberta pelo velho Halfeld e que na sua travessia pelo arraial do Paraibuna tomou o nome de Rua Principal e ficou sendo depois, a Rua Direita da Cidade do Juiz de Fora.

A eliminação da conjunção *pois* da primeira versão tem razão de ser, uma vez que não desempenha, na oração, nenhuma função lógica. Assim também a eliminação do possessivo *sua* em *da sua variante*, que já aparece indicado, à frente, em *na sua travessia*. A construção verbal *seria chamada*, um futuro do pretérito composto que indica algo provável ou possível é substituída pela forma verbal do pretérito perfeito que indica algo certo como em *tomou o nome* de. O advérbio *depois*, isolado na frase da primeira versão, ganha maior visualidade com a complementação da forma verbal *ficou sendo depois* uma vez que, ao lado do verbo principal, o gerúndio “expressa uma ação simultânea que tem o valor de advérbio de modo” (Faraco & Moura 1999, p. 352), pois a Rua Direita desempenhará importante papel nas memórias de Pedro Nava.

O datiloscrito continua registrando a passagem da seguinte forma:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Nasci nessa rua, no número 179, sobrado em frente à Mecânica, onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por esta que é hoje a Avenida Rio Branco oscilou a minha vida. A de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos.

O texto publicado é o que segue:

Nasci nessa rua, no número 179 em frente à Mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por esta que é hoje a Avenida Rio Branco, hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos.

A rasura da palavra *sobrado* e o seu deslocamento deve-se à preocupação do autor em eliminar uma ambiguidade, pois a avó era a rainha do *sobrado* e não da *Mecânica*, como a primeira versão fazia supor. A substituição da forma verbal *oscilou* por *hesitou* justifica-se. Pedro Nava nasceu no lado conservador de Juiz de Fora, numa família extremamente recatada, mas a irreverência do lado oposto da cidade o atraía, uma vez que a Rua Direita abria-se para “dois mundos”.

Em continuação, o registro do datiloscrito é o que segue:

A primeira é a direção do mato dentro, da serra da Mantiqueira, da garganta de João Aires, dos profetas carbonizados nos céus em fogo, das cidades barrocas, das toponímias de angústia, ameaça e dúvida: Caracol, Ribeirão do Carmo, Rio das Mortes, Brumado, Inficionado, Encruzilhada, Tremedal, Turvo, Além Paraíba, Abre Campo. E de Belo Horizonte na dimensão do tempo. E de Minas toda de ferro.

O texto publicado, assim se apresenta:

O primeiro é o rumo do mato dentro, da subida da Mantiqueira, da garganta de João Aires, dos profetas carbonizados nos céus em fogo, das cidades decrepitas, das toponímias de angústia, ameaça e dúvida – Além Paraíba, Abre Campo, Brumado, Turvo, Inficionado, Encruzilhada, Caracol, Tremedal, Ribeirão do Carmo, Rio das Mortes, Sumidouro. Do Belo Horizonte (não esse, mas o outro, que só vive na dimensão do tempo). E do bojo de Minas. De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos.

A substituição da palavra *direção* por *rumo* tem por objetivo manter igual significação, sem repetir a mesma palavra que norteia o fechamento do primeiro parágrafo. A opção por *subida* da Mantiqueira, em lugar de *serra*, justifica-se por ser essa serra bastante conhecida e independer de nomeação. Já o acréscimo de *carbonizados*

## TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

para caracterizar profetas e a substituição de cidades *barrocas* por cidades *decrépitas* fazem menção àquela parte de Minas cuja toponímia se caracteriza por nomes associados a emoções negativas e impressões obscuras. A alteração na ordem das cidades, na versão final, tem por objetivo agrupá-las a partir da enumeração dada pelo autor, ou seja, toponímias de *angústia*, *ameaça* e *dúvida*.

*Além-Paraíba*, através do advérbio *além*, remete à ideia do desconhecido, aquilo que vem depois da morte, ou seja, sensações de imprecisão, próprias da angústia. A cidade de *Abre Campo* também traz essa mesma sensação, pois fica localizada num ponto em que terminam as montanhas e se inicia uma região descampada, paisagem não habitual aos mineiros acostumados com formações rochosas. *Brumado* e *Turvo* remetem à ideia de obscuridade em que o fonema /u/, por simbolismo sonoro, “reforça os valores semânticos de tristeza e luto, sentimentos que se revestem das conotações de tons escuros” (Monteiro, 1991, p. 131)

A ideia de *ameaça* esta presente nos nomes Inficionado, Encruzilhada, Caracol e Tremedal. O primeiro, pela própria acepção, traz em si elementos de intimidação. *Encruzilhada* indica o ponto onde se cruzam diversos caminhos e onde geralmente se fazem trabalhos de magia negra. *Caracol* lembra caminhos em espiral ou zigue-zague que podem esconder imprevistos. *Tremedal* é lugar pantanoso. Todos os nomes, como se pode perceber, são expressivos e já contêm em si o elemento de caracterização que o autor buscou ressaltar.

A sensação de *dúvida* presente em *Ribeirão do Carmo* pode estar ligada à sua história. Os primeiros desbravadores de Minas deslumbravam-se com o que iam descobrindo pelo caminho. Por falta de criatividade ou por fé excessiva, iam batizando cada recanto descoberto ao sabor dos calendários, homenageando os santos do dia. *Ribeirão do Carmo* não fugiu a esta regra. O nome se deve ao dia de consagração de Nossa Senhora do Carmo<sup>2</sup>.

Já a designação *Rio das Mortes* apresenta duas versões. Em Minas, a estação de São João Del Rei, juntamente com a linha férrea,

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.idasbrasil.com.br/idasbrasil/cidades/Mariana/port.apresent.asp>. Acesso em 22 de abril de 2008.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

foram inauguradas em 1881 pelo então Imperador do Brasil D. Pedro II, e recebeu o nome de Estrada de Ferro Oeste de Minas. O rio que corta o caminho até Tiradentes chama-se Rio das Mortes, cujo nome tem origem no século XVIII com o estabelecimento de Tomé Del Rei nesta região, que tomou a decisão de iniciar a cobrança de pedágio para a travessia do rio. Aparentemente, o Rio das Mortes era tranquilo, mas a sua correnteza era muito forte. Pelo fato de muitas pessoas terem morrido na tentativa de atravessar o rio a nado para não pagar o pedágio estabelecido por Tomé Del Rei, o rio passou a ser conhecido como Rio das Mortes. Há também uma segunda versão originada da Guerra dos Emboabas, acontecida nessa região, quando ocorreu o chamado Capão da Traição, que é o momento em que os paulistas foram encurralados, desarmados e cruelmente assassinados. Com o grande número de mortos nesse episódio, o rio teria sido batizado com o nome atual. Paira, aí, a *dúvida* a respeito de sua denominação<sup>3</sup>.

*Sumidouro* também apresenta duas versões. Pode ter surgido pelo fenômeno comum, em Minas, do desaparecimento repentino de um rio através de uma abertura no terreno e o seu reaparecimento em outros locais mais baixos. Pode ainda ter seu nome ligado ao seguinte fato. Por volta do final do século XVIII, a região hoje ocupada pelo município de Sumidouro teria surgido como rota alternativa para o escoamento de ouro e pedras preciosas, das Minas Gerais para a Corte, como uma forma de fugir do fisco português. Sumidouro ficava, então, numa localização estratégica na rota clandestina do “ouro ilegal”, ou por assim dizer, do “ouro sumido”.<sup>4</sup>

O trecho que trazia a primeira versão, ou seja, em que a ordem dos nomes das cidades mineiras não correspondia à sequência desejada pelo autor foi totalmente preenchido com tinta preta, mas que possibilita a leitura quando colocado contra a luz. Em substituição, Pedro Nava reorganiza as ideias num balão puxado para a página direita onde, além de dar uma sequência lógica aos nomes, segundo sua visão, também complementa as ideias como se pode apurar na versão final. Assim, pode-se perceber que a criação é “um projeto

---

<sup>3</sup> Disponível em: [www.geocities.com/tazinha/Historia/Tiradentes.htm](http://www.geocities.com/tazinha/Historia/Tiradentes.htm). Acesso em 22/04/2008.

<sup>4</sup> Disponível em: [www.sumidouro.rj.gov.br/portal/municipio/historia.asp?ldMun=100133084](http://www.sumidouro.rj.gov.br/portal/municipio/historia.asp?ldMun=100133084). Acesso em 23/04/2008.

## TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

que está sempre em estado de construção, suprimindo as necessidades e os desejos do artista, sempre em renovação” (Salles, 2006, p. 59).

Dando sequência ao datiloscrito, podemos registrar a primeira versão da passagem subsequente:

A segunda é a direção do oceano afora, da descida da serra do Mar, da saída e das fugas pelas angras, pelas restingas, pelas ilhas, pelas rotas que vão ao Ceará, ao Maranhão, aos Açores, a Portugal, e aos caminhos latinos do mar Mediterrâneo.

A versão final assim se apresenta:

A segunda é a direção do oceano afora, Serra do Mar abaixo, da saída e das fugas por rios e restingas, angras, barras, bancos, recifes, ilhas – singraduras de vento e sal, pelágicas e genealógicas – que vão ao Ceará, ao Maranhão, aos Açores, a Portugal e ao encontro das derrotas latinas do mar Mediterrâneo.

A eliminação da expressão *da descida* da serra do Mar, substituída por *Serra do Mar abaixo* teve por objetivo não repetir a estrutura que inicia esse mesmo parágrafo (da subida da Mantiqueira) evitando, assim, um paralelismo sintático. O acréscimo de novos elementos, passíveis de possibilitar rotas de fuga pela água, demonstra um apurado conhecimento, por parte do autor, dos vários acidentes geográficos que enumera: *rios e restingas, angras, barras, bancos, recifes, ilhas*. Para complementar o raciocínio, o autor puxa para a página direita um balão onde também enumera, segundo o seu ponto de vista, as formas de navegação que o levariam aos seus antepassados não só no Brasil, mas também na Europa: *singraduras de vento e sal, pelágicas e genealógicas*. A substituição de *aos caminhos latinos* por *ao encontro das derrotas latinas* do mar Mediterrâneo vem corroborar a ideia da rota marítima a ser seguida em busca de seus ancestrais.

O terceiro parágrafo apresenta a seguinte versão primeira:

Além de dar assim o leste e oeste para a escolha do destino, a rua Direita é uma reta onde cabem todas as ruas de Juiz de Fora. Entre o Largo do Riachuelo e o Alto dos Passos podemos marcar o local psicológico da rua do Sapo, da rua do Comércio, da rua do Progresso, da rua do Botânica com a mesma precisão com que os logradouros de Londres são colocados fora de seu local exato mas rigorosamente dentro de sua posição relativa nos mapas do underground. Nesse sentido podemos dividir Juiz de Fora não mais em duas direções da rua Direita mas em dois mundos da rua Direita. Sua separação é dada pela rua Halfeld.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A versão definitiva é a que segue:

Além de dar assim leste e oeste para a escolha do destino, a Rua Direita é a reta onde cabem todas as ruas de Juiz de Fora. Entre o Largo do Riachuelo e o Alto dos Passos, nela podemos marcar o local psicológico da Rua do Sapo, da Rua do Comércio, da Rua do Progresso, da Rua do Botanáguia, com a mesma precisão com que nos mapas de seu *underground*, os logradouros de Londres são colocados fora de seu ponto exato, mas rigorosamente dentro de sua posição relativa. É assim que podemos dividir Juiz de Fora não apenas nas duas direções da Rua Direita, mas ainda nos dois mundos da Rua Direita. Sua separação é dada pela Rua Halfeld.

A substituição do artigo indefinido *uma* reta pelo definido *a* reta, justifica-se. A utilização do artigo definido, tem por objetivo “lançar sobre a representação mais visualidade e mais familiaridade” (Lapa, 1998, p. 114). Com efeito, a Rua Direita não era uma rua qualquer. Na paisagem urbana de Juiz de Fora, ela representava o ponto principal e o mais importante marco da cidade, pois era *nela* que as demais ruas poderiam ser visualizadas e delimitadas da mesma forma como na cidade de Londres as suas ruas, praças e avenidas podem ser demarcadas nos mapas do seu *underground*. Juiz de Fora, dessa forma, não poderia ser dividida apenas em duas direções da Rua Direita, mas ainda nos dois mundos da Rua Direita.

Buscamos, com essa análise, compreender os movimentos da tessitura textual em Pedro Nava. Esses movimentos foram detectados através da observação das mudanças efetuadas durante o processo criativo e documentadas na elaboração da terceira fase da escritura do autor, ou seja, na elaboração dos originais. Pudemos perceber rasuras, substituições, acréscimos e reelaboração de partes do texto, o que nos indicou caminhos de leitura mais exatos e fiéis ao projeto original do escritor. Um manuscrito, ou datiloscrito, no nosso caso, pode conter inúmeras surpresas, além do processo criativo em si.

A presente análise revela-nos uma grande sensibilidade de Pedro Nava no que diz respeito à percepção do poder evocativo das palavras. Assim, a intenção criativa mantém uma estreita relação com a escolha da matéria a ser explorada. A sensível percepção de Pedro Nava para captar sensações de toda ordem, leva-o a transmitir ao leitor impressões sensoriais através das interpretações sugeridas pela própria linguagem. A exploração dos elementos estético-informativos contidos nos nomes escolhidos pelo autor para se refe-

## TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

rir à toponímia das Gerais, seja no nível semântico ou sonoro, realçam os princípios definidores de sua concepção de arte, dirigida para uma tentativa de utilização máxima do potencial que o idioma oferece. A seleção dos nomes explorados pelo autor parece ter sido feita tendo em vista a representação conceitual já existente dentro dos campos semânticos dos nomes. Podemos perceber, assim, que onde quer que haja uma verdadeira reação emocional aos objetos do mundo exterior, haverá também uma grande percepção sensorial e a intensidade da percepção é a garantia da autenticidade da emoção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRESSOT, M. *O estilo e as suas técnicas*. Trad. Madalena Cruz Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- FARACO, C. E. & MOURA, F. *Gramática*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MONTEIRO, J. L. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.
- NAVA, P. *Bau de ossos: memórias 1*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SALLES, C. A. *Redes da criação*. São Paulo: Horizonte, 2006.
- WILLEMART, P. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.